

O trauma perante o desejo do Outro e o traumatismo perante a paixão do outro: articulações entre Ferenczi e Lacan

Daniel Migliani Vitorello¹

RESUMO A partir de teorias, a princípio antagônicas como a de Sándor Ferenczi e a de Jacques Lacan, o artigo pretende discutir a noção de trauma na sua relação com a mentira. Por um lado, o sujeito, na constituição da sua fantasia fundamental, não deixa de inventar uma mentira na tentativa de tamponar a falta do Outro. De outra parte e a partir da retomada da traumatogênese realizada por Sándor Ferenczi, não se trata apenas de que o sujeito mente para si mesmo, mas que, por vezes, é o outro que mente. Tal mudança imputa, portanto, a falta no outro. A partir daí, onde enxergar a falta? Trata-se de imputar a falta ao sujeito na sua construção fantasmática ou ao outro primordial que acolheu mal? Quem convoca a mentira como resposta: o outro do traumatismo ou o Outro da estrutura? Como escolher? Uma concepção inviabilizaria a outra? Ou seriam antes no mínimo concomitantes? Nesse sentido, o artigo tem como objetivo, para além destas questões, discutir principalmente que o encontro traumático presente na confusão de língua entre os adultos e a criança proposto por Sándor Ferenczi é compatível com uma concepção lacaniana do trauma que está ligada ao real e ao impossível da relação sexual.

PALAVRAS-CHAVE trauma; mentira; hipocrisia; Sándor Ferenczi; Jacques Lacan

Trauma e mentira

Através da transferência, a clínica psicanalítica nos oferece a possibilidade e os recursos para (re)construir as bases das condições arcaicas que constituem um

1. Psicanalista, Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo. Bolsista CNPq 2011-2015.

sujeito. Ela, a transferência, reinstaura as demandas inconscientes de uma imemorable relação, na medida em que, como se refere o psicanalista húngaro Sándor Ferenczi (1909/2011), ela aí desempenha um papel como uma espécie de catálise. “A pessoa do médico atua aí como um catalisador que atrai provisoriamente os afetos liberados pela decomposição” (p. 90). Uma análise revela, portanto, os complexos e os representantes psíquicos – significantes – da cena fundamental infantil da relação do *infans* com o Outro. Mas fundamentalmente, ao reconduzir à situação arcaica inscrita nas bases dessa relação, uma das coisas que a transferência nos revela é a extraordinária relação de poder e, portanto, de dominação que liga o *infans* a esse Outro. Mais ainda, a partir da leitura de Jacques Lacan, ao desejo desse Outro autorizado a nomear a verdade do desejo do sujeito.

No entanto, como nomear a verdade desse desejo se a linguagem precipita uma falta, ou se quisermos, uma falta de palavra que impede dizer a verdade? Em termos da constituição do sujeito, uma das formas é supostamente preenchê-la – a falta – com a mentira da fantasia, ainda que seja uma mentira sincera. Esta mesma mentira, que Ferenczi (1928/2011b) fazia questão de lembrar que Freud a chamava de realidade psíquica, não deixa de ser – ainda que provocada pelo Outro – uma mentira construída pelo sujeito, ou seja, trata-se de uma necessidade imposta pela relação do sujeito com a estrutura do Outro, como também pela sua relação com a moral, como pretendemos demonstrar no decorrer deste trabalho.

O tema da mentira foi objeto de reflexão de Ferenczi em diversos momentos. Por exemplo, no texto “A adaptação da família à criança” (1928/2011a), encontramos as seguintes ideias. Para ele, o ego, suscetível de adaptação, deve se adequar ao meio. No entanto, como os seres humanos também fazem parte desse meio, o autor lembra que estes têm uma particularidade bastante específica que torna tal adaptação difícil: “o homem é o único ser vivo que mente” (1928/2011a, p. 12). As primeiras opiniões da criança se defrontam com uma série de opiniões diferentes. Assim, a sua vivência efetiva se opõe às ideias e aos ideais à sua volta, obrigando “também a criança a mentir” (1928a/2011a, p. 12), ou seja, as crianças mentem em decorrência da relação com a moral, de modo a incorporar essa mentira e torná-la sua *pseudo* verdade, enquanto a sua verdade efetiva foi reprimida.

Da mesma forma, no texto *O problema do fim da análise* (1928/2011b), ao retomar o tema, Ferenczi aponta que qualquer mentira de criança é uma mentira por necessidade, uma vez que é mais confortável ser franco e sincero. A seguinte imagem é usada para expor suas ideias: no início, tudo o que tem gosto

bom é considerado pela criança como algo bom. Deve, então, aprender a considerar e a sentir que algumas coisas que têm gosto bom são ruins. Descobre também que a obediência aos preceitos que demandam renúncias se transforma, por vezes, em fontes de felicidades e satisfações extremas. Esse processo, para Ferenczi, é a passagem do amoral para a aquisição da moral. Ainda neste texto, ele faz a exposição de um caso no qual um paciente tinha uma tendência para a mentira, de modo a induzir seu analista ao erro sobre alguns dados, no caso, de natureza financeira. Mas no decorrer da análise, certa vez o paciente faltou à sessão, sem mesmo mencionar posteriormente sua omissão. Ferenczi, ao retomar o ocorrido, percebe juntamente com o paciente que este não somente não se lembrava de sua falta, como também de todos os acontecimentos do dia em questão. Portanto, no momento em que Ferenczi obteve a prova irrefutável da sua tendência para a mentira, teve a convicção de que o sintoma de “clivagem da personalidade, pelo menos nele, era apenas o sinal neurótico dessa tendência de caráter. Assim, neste caso, o surgimento de provas de uma mentira tornou-se um evento que favoreceu a compreensão analítica” (1928/2011b, p. 18).

Nesse contexto, ele chega inclusive a propor que o “neurótico não pode ser considerado curado enquanto não renunciar ao prazer do fantasiar inconsciente, ou seja, à mentira inconsciente” (1928/2011b, p. 19). Desta forma, Ferenczi constata, como já demonstra o caso relatado, que há uma mentira, mas que na mentira mesmo a verdade se mostra: a mentira levou à verdade da clivagem da personalidade. Mas também se trata de reconhecer, pelo menos neste momento do seu ensino, que o sujeito, impulsionado a inventar uma ficção na operação da fantasia, mente para si mesmo, de modo que a falta é imputada a ele mesmo. Estamos no âmbito da constituição da fantasia à maneira freudiana e avançada por Lacan.

No entanto, o que orientava Ferenczi (1928/2011b) nessa comunicação era sua divergência quanto a uma opinião da época: “saber em que medida esse conteúdo fantasioso também representa uma realidade efetiva, quer dizer, física, ou a lembrança de tal realidade, era considerado de importância secundária para o tratamento e seu êxito” (p. 19). Por outro lado, continua Ferenczi: “minha experiência ensinou-me, porém, outra coisa” (p. 19): que enquanto não houver uma nítida separação entre o real e a pura fantasia, nenhum caso de histeria poderá ser considerado solucionado. Como ele fez referência a este quadro da neurose, nós a tomamos para melhor compreender essas ideias.

Segundo Safouan (2013), para a histérica não se trata, por exemplo, e segundo o modelo da *neurotica* freudiana, de ter sido seduzida pelo seu pai, mas

de ter sido desejada. Este fantasma se repete e exala pelos poros do discurso histórico. Mas, com efeito, e ainda para Safouan, é difícil dissociar a gênese de um tal fantasma dos momentos deliciosos em que o pai, por exemplo, teve o prazer de ensinar sua filha a nadar, sem falar, ainda, de outros jogos nos quais os pais adoram relaxar com seus filhos. Para Ferenczi, ao contrário, a convicção do paciente viria exatamente quando fosse possível retomar as lembranças relativas a essa relação e distinguir as esferas da realidade e da fantasia. O esforço de Ferenczi era para permitir o reaparecimento do evento traumático para que o paciente adquirisse, ele próprio, uma convicção. Pode-se, a partir daí, pensar que se trata de uma ambição ou mesmo de uma ingenuidade de Ferenczi, mas deixamos em aberto esta questão, pois o interessante é o que ele (1928/2011b) aponta imediatamente em seguida.

Podemos com segurança caracterizar qualquer mentira por necessidade; a tendência para a mentira, posterior, relacionada com essas primeiras, talvez seja algo imposto pela necessidade. [...] O que designamos por nomes de bela sonoridade, como ideal, ideal de ego, superego, deve seu aparecimento a uma repressão deliberada de moções pulsionais reais, que cumpre, pois, demitir ao passo que os preceitos e os sentimentos morais, impostos pela educação, são enfatizados com uma insistência exagerada. Mesmo que os professores de ética e os teólogos da moral fiquem desolados, não podemos nos impedir de afirmar que mentira e moral têm algo a ver uma com a outra (p. 20).

É nesse sentido que a moral convoca a mentira como repostas. Da mesma forma, o que é a moral senão uma estrutura simbólica? E ainda, isso não remete ao que Lacan chamou de Outro? Pois esse grande Outro descrito tantas vezes como o lugar da verdade é também, como nos lembra Safouan (2013), o lugar da mentira, porquanto ele só permite ao sujeito o acesso aos significantes filtrados pelo desejo do Outro, assim como a censura primária na qual se reconhecem os efeitos do recalque freudiano. Desse modo, a mentira de que se trata aqui, pautada na censura, constitui, por um lado, o mecanismo graças ao qual a moral continua a transmitir a falta, enquanto, por outro lado, é o mecanismo no qual o desejo se torna possivelmente moral ou social, ainda que marcado por um mal-estar.

No entanto, caso seja possível esvaziar o Outro da estrutura, uma vez que o simbólico estando aquém e além nos convida a enxergar o encontro com o Outro pela via do transpessoal, para Ferenczi não é assim. Para ele há espaço para um encontro, por vezes traumático, entre uma criança e um adulto, já que

este inevitavelmente vem encarnar o lugar do Outro. Sendo assim, se o humano é o único ser vivo que mente, de modo que “torna difícil para a criança a adaptação a essa parte do seu meio ambiente” (Ferenczi, 1928/2011b, p. 12), é possível esboçar outra pergunta: quem mente para quem? O Outro que impõe a mentira como resposta seria somente o Outro da estrutura?

Esta concepção que até agora mostramos, ou seja, que o sujeito mente para si mesmo na relação com o Outro, começa, pelo menos com Ferenczi, a vacilar. Este Outro que impõe a mentira como resposta não é somente o Outro da estrutura ou da moral, é também o outro semelhante. Desse modo, a responsabilidade da mentira poderia ser simplesmente imputada ao sujeito devido à sua mentira inconsciente, ou se quisermos, devido à sua construção fantasmática? Mais ainda: a responsabilidade da mentira só seria imputada ao sujeito devido a um real traumático que sempre retorna porque impossível de ser simbolizado, haja vista a falta estrutural de uma palavra? Não haveria espaço para o acidental ou para um encontro traumático entre uma criança e um adulto já que este inevitavelmente vem ocupar o lugar do Outro? Enfim, é possível esvaziar o Outro da estrutura de modo que o adulto não faça irrupção?

Freud, em 1917, dizia: “Confirma-se assim o fato de que, na vida mental, o que é inconsciente é também o que é infantil” (Freud, 1917/1996, p. 212). Não fossem as transformações que o legado freudiano sofreria nos anos 1920, esta afirmação confirmaria ainda mais os questionamentos acima, uma vez que a disposição polimorfa perversa da sexualidade infantil não se reduz mais unicamente à criança e à infância. O sexual infantil também se faz presente do lado do adulto de modo a elevar sua potencialidade traumática ou os traumatismos inerentes ao encontro entre ele e uma criança. Mas fundamentalmente e como dissemos, a partir dos desdobramentos que a psicanálise sofreu nos anos 1920, abriu-se espaço para que o real – que sempre retorna ao mesmo lugar – fosse cada vez mais considerado, por excelência, o trauma, porque impossível de ser assimilado pelo aparelho psíquico ou, se quisermos, por um simbólico que não é capaz de representá-lo.

No entanto, “a continuidade da obra não pode de nenhum modo esconder as discontinuidades de uma pesquisa aberta sobre a clínica e sobre as consequências novas, imprevistas e perturbadoras da experiência clínica” (Guyomard, 2007, p. 79). Talvez fosse esse espírito, típico de Ferenczi, que lhe permitiu retomar a *neurotica* abandonada por Freud e reabrir outras possibilidades para estas questões. O retorno da traumatogênese implicou não se tratar apenas do fato de que o sujeito mente para si mesmo, mas que, por vezes, é o outro que

mente. Tal mudança imputa a falta ao outro: “As histéricas não mentem” (Ferenczi, 1930/2011c, p. 73).

A partir daí, como escolher? Uma concepção inviabilizaria a outra? Não seriam antes no mínimo concomitantes? Onde enxergar a falta? Trata-se de imputar a falta ao sujeito na sua construção fantasmática ou ao outro primordial que o acolheu mal? Quem convoca a mentira como resposta: o outro do traumatismo ou o Outro da estrutura? O que está em jogo aqui não é pouca coisa, pois, como se sabe, foi aqui que a psicanálise separou Freud e Ferenczi. É aqui, ainda, que a psicanálise se divide. Este trabalho tem como objetivo esboçar algumas possíveis respostas para estas questões.

Quem seduz quem?

A partir do princípio de *laissez-faire* que culminou na análise pelo jogo, Ferenczi levou seus pacientes a adotarem um relaxamento muito mais profundo. Isto o fez perceber que quanto mais verdadeira era a associação livre, tanto as falas quanto outras manifestações dos pacientes se tornavam cada vez mais ingênuas, isto é, infantis. No entanto, esses jogos o levaram a notar também uma grave realidade, ou seja, os choques traumáticos da infância. Trata-se dos elementos de malevolência, de arrebatamento passional e de perversão aberta que “são, na maioria das vezes, conseqüências de um tratamento desprovido de tato, por parte do ambiente” (Ferenczi, 1931/2011d, p. 85). Por exemplo, no texto *Confusão de língua entre os adultos e a criança*, Ferenczi (1933/2011e) utiliza a seguinte imagem de sedução incestuosa: “um adulto e uma criança amam-se; a criança tem fantasias lúdicas, como desempenhar um papel maternal em relação ao adulto. O jogo pode assumir uma forma erótica, mas conserva-se, porém, sempre no nível da ternura” (p. 116).

No entanto, por vezes, os adultos “confundem as brincadeiras infantis com os desejos de uma pessoa que atingiu a maturidade sexual, e deixam-se arrastar” (p. 116), ocorrendo assim uma confusão entre a língua da ternura e a língua da paixão. Somado com alguns ingredientes que veremos em breve, o resultado é uma criança traumatizada. Mas não são apenas as seduções incestuosas que provocam tal efeito, pois, para além do amor forçado, há também as medidas punitivas insuportáveis, continua ele: “os delitos que a criança comete, de brincadeira, só passam a ter um caráter de realidade pelas punições passionais que recebem de adultos furiosos, rugindo de cólera, o que acarreta numa criança, não culpada até então, todas as conseqüências da depressão” (p. 119).

Por fim, um terceiro meio de se “prender uma criança” é evocado por Ferenczi. Trata-se do que ele nomeia de “terrorismo do sofrimento” (p. 120), que aconteceria da seguinte maneira,

As crianças são obrigadas a resolver toda espécie de conflitos familiares, e carregam sobre seus frágeis ombros o fardo de todos os outros membros da família. Não o fazem, afinal de contas, por desinteresse puro, mas para poderem desfrutar de novo a paz desaparecida e a ternura que daí decorre. Uma mãe que se queixa continuamente de seus padecimentos pode transformar um filho pequeno num auxiliar para cuidar dela, ou seja, fazer dele um verdadeiro substituto materno, sem levar em conta os interesses próprios da criança (p. 120).

Ferenczi, portanto, está longe de ter apontado o trauma exclusivamente como simples efeito da realidade de sedução. Nesse sentido, uma questão se põe: nesta série de descrições, como não perceber, como aponta Safouan (2013), que a dependência da criança em relação ao adulto representa o ponto mais distante que se poderia esperar – de Ferenczi e em seu tempo – na tentativa de compreender o desejo como o desejo do Outro? Proposição cujos sentido e alcance estrutural foram posteriormente desenvolvidos por Lacan que, por sua vez, não deixou de apontar o efeito potencialmente traumático perante o enigma do desejo do Outro. Como não associar, aqui também, essas ideias com um texto dos primórdios de Lacan: *Os complexos familiares na formação do indivíduo*? Nas próprias palavras de Ferenczi (1933/2011e) encontramos uma importante menção que toca nessas aproximações: “Esta série de reflexões não fez mais do que abordar de modo descritivo o que existe de terno no erotismo infantil e o que há de apaixonado no erotismo adulto; em suspenso ficou o problema da própria essência dessa diferença” (p. 121). Diferença esta que, como aponta Guyomard (2007), por si só é geradora de confusão. Pois como vimos com o exemplo cunhado anteriormente por Safouan (2013), como diferenciar “o que é de um e o que é de outro quando seu contato, sua união e sua ligação são eles mesmos geradores de confusão?” (Guyomard, 2007, p. 95), ou seja, quem seduz quem?

Neste caso, “não há traumatismo na sexualidade, mas é a sexualidade que, de um modo ou de outro, é traumática. A confusão não é um erro, *ela é o efeito, a consequência do sexual como traumático*” (p. 94, grifos do autor). Trata-se ainda de uma confusão entre a presença de uma outra língua – a da paixão – e a língua da ternura, sem que seja possível, para a criança, a cisão das duas línguas. Continua o autor, referindo-se às ideias de Ferenczi,

Mas os múltiplos esclarecimentos, diferenciações e nominações do *a posteriori* jamais apagarão a inscrição do traumatismo e seu efeito de confusão. Efeito repetitivo de confusão, inconsciente, este título marca o que de infantil, de inconsciente como infantil, jamais deixará de se absorver e nem de se reabsorver na forte e necessária diferença entre a sedução e o fantasma. Ela é, em cada um, o inquietante estrangeiro do sexual infantil. O infantil é *unheimlich* (Guyomard, 2007, p. 95-96).

A princípio podemos então presumir que há um trauma estrutural, que é aquele que ocorre ao se dar um *unheimlich*, um real evasivo ao duplo sentido característico do simbólico. O encontro traumático entre a dupla linguagem ferenciana é, portanto, compatível com uma concepção lacaniana do real que está ligada ao impossível na relação sexual. A sexualidade, como diz justamente Lacan (1972-1973/2008), é sempre traumática.

Sendo assim, as “confusões” de Ferenczi não servem inclusive para sustentar as teses de Lacan? No entanto, se a sexualidade, como o real, tem efeitos traumáticos reconhecidos, não existiria, por outro lado, diferentes consequências e modalidades de traumas? Se até aqui a teoria lacaniana mostrou-se apta em reconhecer o campo que indica o infantil como traumático, este reconhecimento, por sua vez, se daria na única forma da impossível simbolização do real? O trauma perante o desejo do Outro impede o traumatismo perante as paixões do outro?

Reduplicar o trauma

“O peso da experiência, da diversidade da clínica e do campo da psicopatologia se impõe” (Guyomard, 2007, p. 104) e, por vezes, nos leva, como outros, a propor exatamente o que se segue quando pensamos no cotidiano da nossa prática clínica.

A linguagem é sustentada, como aponta Florence (1987), pelos adultos que são os primeiros a usar a fala. Se, por um lado, o trauma é inevitável, por outro, é pela sua insubstituível função de introduzir o sujeito no discurso (com os ideais, os interditos e as exigências educativas) que os personagens concretos podem reduplicar por vezes o trauma estrutural.

Ora, reduplicar o trauma não é transformá-lo naquilo que Ferenczi chamou de traumatismo patogênico e sua consequente “progressão traumática”? (1933/2012, p. 119). Se esta concepção se sustenta, a progressão traumática – entendendo-a como uma maturidade apressada que produz, por sua vez, uma

autoclivagem narcísica – só pode ser, apesar do aparente engano, pós-trauma, de modo que “o reconhecimento da castração e da falta-a-ser” lacaniano é, por exemplo, “perfeitamente compatível com a visada da restauração de um laço pré-traumático” (Guyomard, 2007, p. 104) proposto por Ferenczi.

A partir daí, talvez a questão seja outra. Questão mais fundamental que se impõe da seguinte maneira: seria suficiente reconhecer a falta-a-ser ou a castração para apagar ou reparar os possíveis traumatismos patogênicos? Pois, se se recusa o traumatismo, corre-se o risco de negligenciar os efeitos potencialmente retraumatizantes de uma prática.

Por vezes, há a recusa, a negação ou a denegação dos fatos, da realidade e dos sentimentos. Há também o *pseudo* repúdio dos atos e principalmente a mentira e o desmentido. Em suma, um leque de modalidades que podemos colocá-las sob a égide, pelo menos a princípio, de um nome: hipocrisia. A consequência disso é uma imposição feita à criança de modo a obrigá-la a uma escolha impossível: ou se “contesta o dito parental onipotente respeitando a realidade percebida, ou bem se submete ao dito mentiroso e se nega a existência mesma de seu sentimento, de sua sensação e do seu pensamento” (Florence, 1987, p. 174, tradução livre). O resultado não pode ser outro a não ser rejeitar uma parte vivente de sua própria subjetividade. A discordância traumática do discurso ou, se quisermos, da linguagem abala a posição subjetiva desejante, “porque ela oblitera o prazer e o poder de pensar, ou seja, de desejar, e abre as vias aos recalcamientos, às torturas da culpabilidade e da angústia, fazendo do sujeito a presa da demanda do Outro e de sua violência impossível de denunciar” (p. 175, tradução livre), pois, mesmo recorrendo ao adulto, este a desmente (*verleugnung*). Diz Ferenczi (1931/2011d),

O pior é realmente a negação (*verleugnung*), a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento ou até mesmo ser espancado e repreendido quando se manifesta a paralisia traumática do pensamento ou dos movimentos; é isso, sobretudo, o que torna o traumatismo patogênico. Tem-se mesmo a impressão de que esses choques graves são superados, sem amnésia nem sequelas neuróticas, se a mãe estiver presente, com toda a sua compreensão, sua ternura e, o que é mais raro, uma total sinceridade (p. 91).

Por isso que a confusão de línguas é pós-trauma. Ou ainda, se assim podemos nos referir, é uma tripla confusão: por um lado, porque os adultos “podem, por exemplo, ir muito longe em sua paixão erótica pelas crianças” (Ferenczi,

1930/2011c, p. 73), reduplicando o que já era trauma por excelência, por outro, porque também o adulto, ou o seu entorno, desmente essa mesma “manifestação violenta da paixão” (p. 73) de modo a facilitar uma clivagem. Em um dos relatos que encontramos no *Diário Clínico* sobre o caso B., diz Ferenczi (1932/1990): “A solidão traumática, a interdição e a vontade de interdizer do pai, a surdez e a cegueira da mãe, é isso que torna a agressão traumática, isto é, própria para fissurar o psiquismo” (p. 240).

Faz-se notar que a importância na constituição do traumático defendido por Ferenczi está mais no desmentido (*verleugnung*) do que nos fatos propriamente ocorridos, de modo que é a partir daí que o trauma se tornaria patogênico. Segundo Pinheiro (1993), a marca registrada da teoria ferencziana, assim como sua originalidade, está em atribuir “ao desmentido toda a responsabilidade do trauma” (p. 52)

Por um lado, reconhecemos evidentemente nessa descrição acima os efeitos da progressão traumática sobre o funcionamento psíquico da criança, que Ferenczi denominou autoclivagem narcísica. Reconhecemos também o primeiro Freud, assustado com a ideia de uma perversidade generalizada do adulto e posteriormente abandonada em favor da hipótese do fantasma infantil como produtor das neuroses, ou seja, se Ferenczi retomava as vias cujo abandono tinha sido para Freud tão benéfico, a “confusão” entre os dois só veio aumentar.

Para Safouan (2013), esta mesma confusão, pelo menos entre Freud e Ferenczi, sustentou-se sobre um mal-entendido fundamental: “[...] para Freud, a questão do traumatismo concernia à realidade do ato atribuída ao outro, enquanto Ferenczi pressentia que ela remetia antes ao seu desejo” (p. 125). Da mesma forma, como pergunta Guyomard (2007), o abandono da *neurotica* por Freud, não foi, à sua maneira, um mal-entendido fundador? Se, de uma parte, o abandono da realidade da cena de sedução libera e abre as vias do fantasma e da realidade psíquica, pode-se supor que, de outra parte, ele “abandona mal e muito rapidamente a modalidade traumática da irrupção da sexualidade em uma cena onde o outro é igualmente menos ausente, de modo que sua presença pode, às vezes, ser mal dissociada do próprio traumatismo” (p. 88, tradução livre).

A inerente “confusão de línguas” está posta e, como já apontamos, como seria possível escolher? Ou antes, por que escolher?

Clinicamente, uma concepção inviabilizaria a outra? Como defendemos acima, não é razoável, por vezes, supor uma reduplicação do trauma transformando-o em patológico? Uma vez que o traumático não se reduz ao trauma, quando pensamos no momento em que estamos diante de um paciente, é su-

ficiente, conveniente ou até mesmo possível escolher entre uma concepção e outra? Não se tornaria no mínimo perigoso privilegiar um corpo teórico em detrimento do corpo aos nossos olhos?

Mas o que julgamos mais importante para continuar o nosso percurso é o que se segue. Se se julga mais ou menos verdadeiro ora a hipótese do poder do fantasma, ora a hipótese do poder do traumatismo na gênese da neurose, resta ao menos o fundamental que se repete na transferência: os efeitos da estrutura inicial que encontramos na base da relação arcaica na qual se constitui um sujeito.

O trabalho de análise, com a regressão que ele provoca às demandas mais primordiais, atualiza, segundo Florence (1987), “a relação de submissão às significações acusadas pelo Outro. A análise reconduz às fontes de autoridade, às fontes do que autoriza o sujeito a dizer e ao lugar umbilical de seu desejo” (p. 175, tradução livre). Essa relação de poder não escapa, portanto, à hipótese da fantasia ou do traumatismo. Seja um Outro da estrutura, ou um outro do traumatismo, ambos e cada qual à sua maneira impõem a mentira como resposta, e autorizam o que pode e o que não pode ser dito.

O sintoma fala, e o sabemos desde que Freud se dedicou a decifrá-lo; tem a verdade como causa, mas é de uma mentira que ele nasce. “*Proton pseudos*, a primeira mentira histórica”: é assim que Freud qualifica a “falsa associação”, consecutiva ao recalque, que dá origem ao sintoma [...]. A neurose é fruto de uma mentira que não passa de uma falta de palavra, que só nasce pela falta de uma palavra, e é quase sempre uma mentira piedosa imposta pela hipocrisia geral e pela educação bem-pensante, ou seja, aquela que proíbe pensar (Millot, 2001, p. 16).

O que nos interessa, portanto, é a inevitável relação de poder que se repete sobre o *infans*, ou seja, ainda que se resolva escolher entre o outro do traumatismo e o Outro da estrutura, o que insiste é a relação de dominação que não escapa entre a criança e o adulto ou entre o *infans* e sua submissão ao enigma potencialmente traumático do desejo do Outro, este Outro que, segundo Miller (1991), quase poderia ser escrito com um “A” de agressor. Portanto, reconhece-se que se trata ao menos de uma inevitável relação de poder, marcada por uma hipocrisia que está na base do trauma relacional – trauma que condiciona o sujeito e que se reinscreve na história da relação criança-adulto, ainda que este último seja apenas mais um termo de uma série maior e cuja estrutura seja o Outro. Diz Ferenczi (1933/2011e): “a situação analítica, essa fria reserva, a hipocrisia

profissional e a antipatia a respeito do paciente que se dissimula por trás dela, e que o doente sente com todos os seus membros, não diferem essencialmente do estado de coisas que outrora, ou seja, na infância, o fez adoecer” (p. 114).

Hipocrisia e resistência do analista

Em outras palavras, se a análise atualiza a relação de submissão às significações acusadas pelo Outro, tudo está propício, pela transferência mesmo, para que uma situação potencial de abuso de poder se repita com seus efeitos iatrogênicos, retraumatizantes que são, ou seja, se o trauma arcaico encontra suas condições em uma relação de poder e fundamentalmente na hipocrisia e no desmentido, é necessária, para uma possível modificação ocorrer em uma análise, a possibilidade de se estabelecer, no mínimo, uma relação cuja estrutura seja diferente.

A partir daí, o que dizer de uma dessemelhança e disparidade entre analista e analisante? Como aponta Safouan (2013), foi Ferenczi quem primeiro colocou a seguinte questão fatal para o narcisismo dos psicanalistas: “o que é que justifica a diferença sobre a qual repousa a distribuição da situação psicanalítica entre psicanalista e paciente?” (p. 110, tradução livre).

Como escapar disso, permitir a associação livre e autorizar realmente o sujeito a dizer? Ou como dizia Ferenczi (1933/2012), permitir o “solta-lhes a língua”? (p. 121). Seria possível não repetir essa relação de poder através das posições de outrora do adulto e da criança e agora do analista e do analisante? Talvez não, pois se o analista dirige o tratamento, já há uma relação de poder instalada. Mas e quanto à hipocrisia profissional? Como não deixar que ela reproduza a hipocrisia do Outro, já que este é, também, o lugar da mentira? Qual funcionamento psíquico deveria o analista adotar ou almejar atingir para estar a serviço da liberdade do paciente? Ora, se Ferenczi postulou que a hipocrisia profissional da situação analítica não difere daquilo que outrora fez adoecer, é necessário estabelecer alguma coisa que seja diferente das condições do passado. O que se requer é uma relação distinta para não repetir aquela de outrora, ou seja, as condições de uma análise não podem ser as mesmas que fizeram adoecer. São necessárias condições diferentes. Como o próprio Ferenczi (1932/1990) aponta, a situação analítica “deve tornar-se diferente do que é propriamente traumático, para que seja possível uma outra saída favorável” (p. 146). Enfim, é necessária, portanto, uma condição que não seja marcada pela hipocrisia profissional. Diz Ferenczi,

Os pacientes sentem o que há de hipócrita no comportamento do analista, descobrem-no a partir de centenas de pequenos indícios. (Alguns acham até que eles leem os sentimentos e pensamentos do analista). Esses indícios só se tornam objetos de análise (e de reconhecimento por parte do analista) muito raramente. O remédio, mesmo que as coisas tenham “evoluído” a tal ponto, é a “contrição” autêntica do analista (p. 247).

Nesse sentido, trata-se de uma relação que seja pela via da autenticidade. Se a análise descamba para uma mesmice, não seria porque o analisante só encontra nela certas resistências ou, se quisermos, somente certas relações de hipocrisia que são, por sua vez, correlatas com a situação traumática das relações primordiais? Se assim ocorre, podemos nos apoiar em Lacan (1958/1998) e afirmar que, realmente, a impotência em sustentar autenticamente uma *práxis*, para além de se reduzir a um exercício de poder, só faz repetir esse mesmo exercício que se encontrava nas origens do sofrimento psíquico.

The trauma face the desire of the Other and the trauma face the passion of the other: articulations between Ferenczi and Lacan

ABSTRACT *From theories at first antagonistic as the Sándor Ferenczi and Jacques Lacan, this article discusses the notion of trauma in its relationship with lie. On the one hand, the subject, in the constitution of his fundamental fantasy, does not cease to invent a lie in an attempt to buffer the lack of the Other. On the other hand and from the resumption of traumatogenesis held by Sándor Ferenczi, it is not just the subject that lie to yourself, but sometimes it is the other lying. This change allocates therefore the lack in the other. From there, where we can see the missing? This is attributed to the lack to the subject in his phantasmic construction or to the other primordial who had badly welcomed? Who calls the lie as answer: the other of the trauma or the Other of the structure? How to choose? One conception would remove the other? Or they were before at least concomitant? In this sense, the article aims, in addition to these issues, discuss that the meeting traumatic present in Confusion of tongues between adults and the child proposed by Sándor Ferenczi is compatible with a Lacanian conception of trauma that is linked to the real and to the impossible intercourse.*

KEYWORDS *trauma; lie; hypocrisy; Sándor Ferenczi; Jacques Lacan*

El traumatismo en el deseo del Otro y el trauma ante la pasión del otro: articulaciones entre Ferenczi y Lacan

RESUMEN *A partir de teorías, en un primer momento antagónicas como la de Sándor Ferenczi y de Jacques Lacan, este artículo discute la noción de trauma en su relación con la mentira.*

Por un lado, el sujeto, en la constitución de su fantasía fundamental, no deja de inventar una mentira en un intento de tamponar la falta del Otro. Por otro lado y desde la reanudación de la traumatogênese realizada por Sándor Ferenczi, no es sólo el sujeto que miente a sí mismo, pero a veces es otro que mente. Por lo tanto, este cambio atribuye la falta en otro. ¿En este caso, donde se ve la falta? ¿Esto se atribuye al sujeto en su construcción fantasmática o a otro primordial que ha acogido malo? ¿Quién llama a la mentira como respuesta: el otro del trauma o el Otro de la estructura? ¿Cómo elegir? ¿Un eliminaría la otra? Ou son al menos concomitantes? En este sentido, los objetivos del artículo, más allá de estas cuestiones, discuten que el encuentro traumático presente en confusão de língua entre os adultos e a criança propuesto por Sándor Ferenczi es compatible con una concepción lacaniana del trauma que está vinculado al real y el imposible de la relación sexual.

PALABRAS CLAVE *trauma; mentira; hipocresía; Sandor Ferenczi; Jacques Lacan*

Referências

- Ferenczi, S. (1990). *Diário Clínico*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1932).
- Ferenczi, S. (2011). Transferência e introjeção. In *Obras completas*. Vol. 1. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1909).
- Ferenczi, S. (2011a). A adaptação da família à criança. In *Obras completas*. Vol.1. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928).
- Ferenczi, S. (2011b). O problema do fim da análise. In *Obras completas*. Vol. 4. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928).
- Ferenczi, S. (2011c). Princípio de relaxamento e neocatarse. In *Obras completas*. Vol. 4. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1930).
- Ferenczi, S. (2011d). Análise de crianças com adultos. In *Obras completas*. Vol. 4. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1931).
- Ferenczi, S. (2011e). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In *Obras completas*. Vol. 4. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (1996). Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. 16. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917).
- Florence, J. (1987). Les fins de la cure analytique. Dialogue avec Freud, Ferenczi et Lacan. *Psychothérapies*. 4, 173-178.
- Guyomard, P. (2007). Il n'y a que les mots qui diferente. Ferenczi et Lacan: la confusion de langues. In J. André (org.), *La sexualité infantile de la psychanalyse* (p. 79-106). Paris: Presses Universitaires de France.

O trauma perante o desejo do Outro e o traumatismo perante a paixão do outro:
articulações entre Ferenczi e Lacan.

- Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In J. Lacan, *Escritos* (p. 591-652). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958).
- Lacan, J. (2008). *O Seminário: Livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973).
- Miller, J.-A. (1991). La agresividad en psicoanálisis de Jacques Lacan. In *Agresividad y pulsión de muerte* (p. 7-22). Medellín: Fundación Freudiana de Medellín.
- Millot, C. (2001). *Freud antipedagogo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Pinheiro, T. (1993). Trauma ou melancolia. *Percurso*, 6 (10), 50-55.
- Safouan, M. (2013). *La Psychanalyse: science, thérapie et cause*. Paris: Thierry Marchaisse.

Recebido: 13/1/2019

Aceito: 11/3/2019

Daniel Migliani Vitorello
Av Paulista, 1471, conj. 815 - Jardim Paulista
São Paulo - SP - CEP: 01311-200
(11) 99463-3920
danielvitorello@yahoo.com.br